

“DO SEU LIXO, MEU SUSTENTO...”: vivências de trabalho dos recicladores da Copercicla, uma análise sob a luz da psicodinâmica do trabalho

ANA PAULA DA SILVEIRA NOGUEIRA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU)
noezia.ramos@ufu.br

NOÉZIA MARIA RAMOS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU)
ramos.noezia@gmail.com

ODILON JOSÉ DE OLIVEIRA NETO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA (UFU)
professorodilon@yahoo.com.br

JUSSARA GOULART DA SILVA
UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO (UNINOVE)
profadmjussara.ufu@gmail.com

Introdução

O presente artigo argumenta que as mudanças no contexto mundial em relação à organização do trabalho, estrutura funcional, visão do indivíduo no trabalho, bem como função e lugar do trabalho na sociedade, são temas cada vez mais pertinentes. O objeto de estudo ser uma cooperativa de reciclagem é justificável por ser uma prática que surgiu diante da precarização do trabalho decorrente do modo de produção capitalista. A relevância é por ser um campo de conhecimento em construção.

Problema de Pesquisa e Objetivo

O presente artigo teve como objetivo geral analisar as vivências de trabalho dos recicladores da cooperativa Copercicla. Os objetivos específicos são: analisar a organização do trabalho; Diagnosticar as condições do trabalho; Identificar as relações de trabalho; Mensurar as vivências de prazer e sofrimento no trabalho; e, Verificar as estratégias de enfrentamento no trabalho.

Fundamentação Teórica

Como referencial teórico percebeu-se que a conceituação da psicodinâmica do trabalho iniciada na década de 1950 com Dejours foi fundamental pois o trabalho não é apenas uma atividade, mas uma forma de relação social caracterizado por relações de desigualdade, de poder e de dominação. Esse conflito pode dar origem ao sofrimento, ou criar uma estratégia defensiva que são mecanismos transformadores da realidade que o faz sofrer.

Metodologia

O método utilizado para análise é de caráter qualitativo, embasado no aporte teórico da Psicodinâmica do trabalho. Por meio de entrevistas individuais semi-estruturadas e observação direta do dia-a-dia de trabalho foram analisadas: a organização do trabalho; Condições do trabalho; Relações de trabalho; Vivências de prazer e sofrimento e Estratégias de enfrentamento no trabalho. Optou-se pela análise de conteúdo a partir da fala dos cooperados.

Análise dos Resultados

Nos resultados uma categoria merece destaque, é a que diz respeito as relações de trabalho estabelecidas na cooperativa. Identificou-se que, as mesmas são vivenciadas como sendo “uma das coisas mais difíceis” de se trabalhar na cooperativa, pois estas são consideradas pesadas e complicadas, tanto que, a maioria prefere o trabalho realizado na rua. Essa preferência deixa implícito o fato de que se sentem mais livres e menos pressionados pelos colegas quando estão realizando o trabalho externo.

Conclusão

Conclui-se que mesmo os resultados demonstrarem que mesmo sendo árduo o trabalho realizado pelos cooperados, mesmo não existindo reconhecimento da sociedade, as vivências de trabalho experienciadas por eles perpassam pela lógica do próprio reconhecimento. No entanto, as condições e relações de trabalho na cooperativa merecem atenção pois desencadeiam sofrimento e resistência, o que muitas vezes, prejudica o rendimento do trabalho coletivo.

Referências Bibliográficas

- DEJOURS, C. A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho. São Paulo: Cortez-Oboré, 1992.
- ENRIQUEZ, E. A organização em análise. Petrópolis: Vozes, 1997.
- HELOANI, R.; LACMAN, S. Psicodinâmica do trabalho: o método clínico de intervenção e investigação. Revista Produção, v. 14, n. 3, p. 077-086, set./dez. 2004.
- MAGRO, M. L. P. D.; Coutinho, M. C. Os sentidos do trabalho para sujeitos inseridos em empreendimentos solidários. Psicologia em Estudo, 13, 703-711, 2008.
- MENDES, A. M.; TAMAYO, A. Valores organizacionais e prazer-sofrimento no trabalho. PSICO/USF, v. 6, n. 1, p. 39-46, 2001

“DO SEU LIXO, MEU SUSTENTO...”: vivências de trabalho dos recicladores da Copercicla, uma análise sob a luz da psicodinâmica do trabalho

1. Introdução

Devido às mudanças no contexto mundial em relação à organização do trabalho, estrutura funcional, visão do indivíduo no trabalho, bem como função e lugar do trabalho na sociedade, temas que abordam questões relacionadas ao trabalho e sua influência na vida do homem, têm se tornado cada vez mais pertinentes (MORGAN, 1996; VERGARA, 1999).

Algumas dessas mudanças no contexto mundial, evidenciam as variáveis de ordem social, econômica e estrutural, as quais geraram crescente desemprego, precarização das relações de trabalho, enfraquecimento da organização da classe trabalhadora, entre outros. Essas variáveis, modificaram o sistema tradicional de trabalho e trabalhadores expulsos do mercado formal de trabalho, buscaram a reinserção pela experiência econômica solidária e as novas formas de organização do trabalho foram surgindo como forma de geração de renda.

Na opinião de Dejours (1999), essas mudanças no mundo do trabalho causam um impacto na vida do indivíduo, levando-o a conviver com uma lógica de mercado em situação instável e constante ameaça. Como resultado dessas mudanças, o trabalhador se vê inserido em um cenário de grandes desafios, onde são levados a processar uma grande quantidade de informações o que afeta suas relações sociais, pessoais e profissionais.

Ao levar em consideração, o exposto por Dejours (2004), que é através da experiência do trabalho que o homem constrói sua identidade social, e para que essa construção ocorra, é necessário que o indivíduo tenha relação com o real, relação esta estabelecida no trabalho.

A definição pelo objeto de estudo justifica-se principalmente pela crescente expansão das cooperativas no Brasil e por ser, o cooperativismo, uma prática que surgiu como forma de defender os trabalhadores, diante da precarização do trabalho decorrente do modo de produção capitalista, portanto entender como o cooperado vivencia esse trabalho, que de certa forma vive na exclusão do mercado formal de trabalho pelo ofício que exerce, torna-se importante considerando que, a relação psicodinâmica homem-trabalho tem se destacado nas pesquisas relacionadas ao lugar que o trabalho ocupa na vida do homem.

A relevância desta pesquisa decorre por ser um campo de conhecimento em construção que possui um vínculo direto com a organização, trabalho e trabalhador e se destaca principalmente para pesquisadores de áreas como, administração, psicologia e ergonomia que se preocupam em descrever o contexto no qual o trabalhador está inserido levando em consideração as mudanças que ocorrem no mundo trabalho e quais são os impactos que ele causa na vida do indivíduo. Em relação ao âmbito institucional, a relevância está em abordar os conceitos e teorias abordadas na psicodinâmica do trabalho de forma prática visto que, a abordagem teórica tem sido muito pesquisada nos últimos anos.

Objetivo Geral

O objetivo geral deste trabalho é analisar as vivências de trabalho dos recicladores da cooperativa Copercicla. Para o alcance do objetivo geral, foi realizada a partir do aporte teórico da Psicodinâmica do trabalho: análise da organização do trabalho; Condições do trabalho; Relações de trabalho; Vivências de prazer e sofrimento e Estratégias de enfrentamento no trabalho e também, a técnica de observação.

2 Fundamentação Teórica

2.1 Psicodinâmica do Trabalho

Do ponto de vista de Dejours (1999), a Psicodinâmica do trabalho se insere no campo da psicologia do trabalho. Assim, Heloani e Lacman (2004), corroboram que a psicodinâmica busca compreender, a partir da análise das relações e da organização do trabalho, quais são os

aspectos psíquicos subjetivos mobilizados a partir dessas vivências.

O primeiro momento, que marca o contexto histórico da psicodinâmica do trabalho teve início na década de 1950 com os estudos de Christophe Dejours sobre o sofrimento psíquico, sua origem e transformações advindas do confronto entre organização do trabalho e psiquismo do trabalhador. Inicialmente tinha como objetivo explicar os transtornos mentais dos trabalhadores que estavam sujeitos ao modelo de gestão baseados no taylorismo, destaca Ferreira e Mendes (2003). Taylor (1995), ao propor a Organização Científica do Trabalho, aparentemente eliminou a subjetividade do trabalho ao controlar o corpo dos trabalhadores separados de suas mentes. Opondo-se a teoria exposta por Taylor que tinha ênfase nas tarefas, a escola das relações humanas proposta por Elton Mayo surge na tentativa de humanizar o trabalho dando maior ênfase nas pessoas e através de pesquisas concluiu que o fator de maior produtividade não estava relacionada com incentivos salariais mas sim, com as relações interpessoais desenvolvidas no trabalho.

Segundo Mendes (2007), a trajetória da psicodinâmica é composta por três fases. A primeira ainda era baseada nas investigações realizadas pelo francês Louis Le Guillant onde ainda era conhecida como psicopatologia do trabalho em que o foco era analisar as patologias resultantes dos postos de trabalho buscando estabelecer uma relação causal entre distúrbios mentais e trabalho.

O marco do segundo momento deu-se a partir das pesquisas realizadas por Christophe Dejours, na década de 80, onde ocorreu a passagem da abordagem da psicopatologia do trabalho para a psicodinâmica do trabalho. O foco era na saúde e os estudos direcionados para o prazer e o sofrimento no trabalho e análise das estratégias que os indivíduos utilizavam para tornar o trabalho mais saudável.

Por fim, o terceiro momento tem início na segunda metade da década de 90 até os estudos atuais, onde os estudos da psicodinâmica do trabalho tem tido como foco o estudo do trabalho como construtor da identidade do trabalhador decorrentes das mudanças no mundo do trabalho, estudos de prazer e sofrimento no trabalho e em novas estruturas de sua organização.

Sendo considerada ainda uma área em fase de construção, a psicodinâmica vem se desenvolvendo com enfoque na análise do trabalho, no estudo do reconhecimento, construção da identidade do trabalhador e vivências de prazer e sofrimento no trabalho de novas estruturas da organização do trabalho.

Como caracteriza Dejours (2004, p. 31) “o trabalho não é apenas uma atividade, ele é também uma forma de relação social o que significa que ele se desdobra em um mundo humano caracterizado por relações de desigualdade, de poder e de dominação.” Portanto, pode-se afirmar que o trabalho está relacionado com a inserção social do sujeito e também, com o processo de construção de sua identidade, e isso decorre das relações sociais que o sujeito se engaja a partir da sua pertença a um determinado grupo.

Bottega (2009), ressalta que é o trabalho que permite o confronto entre a singularidade e o mundo objetivo de cada trabalhador, e o conflito entre a subjetividade do trabalhador e organização do trabalho é gerador de sofrimento psíquico.

Contudo, em relação à psicodinâmica do trabalho, a partir dos estudos de Dejours (2004), foram elencadas cinco categorias que são de grande influência na relação homem e trabalho, que são: Organização do trabalho; condições de trabalho; relações de trabalho; vivências de prazer e sofrimento e estratégias de enfrentamento.

2.1.1 Organização do Trabalho

Segundo Dejours (1992), a organização do trabalho determina o conteúdo da tarefa por meio da divisão do trabalho, e essa organização pode muitas vezes interferir no funcionamento psíquico prejudicando a saúde tanto física quanto mental do trabalhador.

Dejours e Abdoucheli (1994), em relação às pressões originadas da organização do trabalho,

ressaltam que as mesmas estão relacionadas à forma como o trabalho está organizado. Enquanto que de um lado encontra-se a divisão de homens: controle, hierarquia, perda de autonomia, relação de poder e outros; e por outro lado, a divisão do trabalho, que compreende a divisão de tarefas entre os trabalhadores, repartição, ritmo, ou seja, o modo operatório prescrito. Dejours (1994) diz que a organização do trabalho prescrita tem relação com as normas e métodos de trabalho que são estabelecidos ao trabalhador, substituindo assim, seu livre arbítrio. Entretanto, compreender a organização do trabalho e seus reflexos na saúde e no modo de adoecimento dos trabalhadores, são de grande importância para compreensão e intervenção em situações de trabalho que estejam proporcionando sofrimento e agravos na saúde, conforme afirmam Lancman e Heloani (2004). No contexto da psicodinâmica do trabalho, a organização do trabalho é feita entre quem desempenha o trabalho e quem organiza.

2.1.2 Condições de trabalho

De acordo com Dejours (1994), as condições de trabalho são: pressões físicas, mecânicas, químicas e biológicas do local de trabalho, sendo estas geradoras de desgaste, envelhecimento e doenças no trabalhador, pois estão diretamente relacionadas ao corpo do indivíduo.

Lancman e Heloani (2004) ressaltam que, a incorporação de novas tecnologias, intensificação do ritmo, precarização das relações de trabalho, diminuição dos postos de trabalho e exigência de polivalência daqueles que permanecem trabalhando, decorrentes da reestruturação produtiva, ampliaram o quadro de doenças e acidentes no trabalho.

Contudo, as mudanças que ocorrem no trabalho causam impactos na vida de indivíduos que tem por obrigação conviver com a instabilidade da lógica de mercado imposta pelos tempos modernos, e as condições de trabalho incluem tanto questões interpessoais quanto físicas e também o contexto organizacional no qual o trabalhador está inserido.

2.1.3 Relações de Trabalho

Qualquer relação de trabalho envolve pessoas e conseqüentemente diferentes valores, crenças e princípios deste modo, Castro e Merlo (2011) asseguram que, para melhor compreensão das relações de trabalho, é necessária uma escuta voltada a quem de fato executa o trabalho. Relações de trabalho são todos os laços humanos criados pela organização do trabalho, e que às vezes são desagradáveis ou insuportáveis. Muitas vezes o clima de competição interno presente no ambiente de trabalho acaba criando processos inconscientes e conscientes que deixam os indivíduos presos à ideia de sucesso, o que pode vir a transformar a organização numa prisão psíquica. (DEJOURS, 1992; ENRIQUEZ, 1997).

2.1.4 Vivências de prazer e sofrimento

O conflito que surge entre a organização do trabalho e o funcionamento psíquico do trabalhador, pode dar origem ao sofrimento, ou criar uma estratégia defensiva. Dejours (1994), vê o sofrimento como patológico quando não existe possibilidade de negociação entre o indivíduo e a organização do trabalho. “O sofrimento começa quando a relação homem e organização do trabalho está bloqueada.” (DEJOURS, 1992, p. 52).

Conforme Dejours, Dessors e Desriaux (1993), as fontes de prazer oferecem um campo de ação, onde o trabalhador pode concretizar suas ideias, aspirações, imaginação e desejos. Esta condição é possível, quando a organização o trabalho é flexível e o trabalho é livremente escolhido. O reconhecimento é outro fator que ocasiona prazer no trabalho. É uma forma específica da retribuição simbólica dada ao ego, por sua contribuição à eficácia da organização do trabalho, ressalta (DEJOURS, 2004).

O sofrimento no trabalho é resultado das dificuldades de adaptação de alguns indivíduos a sua cultura, e para compreender esse sofrimento é necessário considerar a cultura e seus valores. Significa analisar o sofrimento relacionando-o aos processos subjetivos envolvidos no campo

do trabalho, ressalta Mendes e Tamayo (2001). Nessa contextualização, Ferreira e Mendes (2001) propõem que, geralmente, as vivências relacionadas ao sofrimento associam-se à divisão e padronização de atividades que utilizam de potencial técnico e criatividade; hierarquias e procedimentos burocráticos em excesso; não reconhecimento e falta de participação nas decisões e pouca perspectiva profissional.

2.1.5 Estratégias de enfrentamento no trabalho

As estratégias defensivas surgem quando ocorre um conflito entre a organização do trabalho e o funcionamento psíquico do trabalhador. Conforme salienta Dejours (1994), para que o indivíduo cumpra o trabalho prescrito, corresponda às expectativas da organização e não adoça, o mesmo faz uso de estratégias de enfrentamentos – defesas contra o sofrimento, como: conformismo, negação ao perigo, individualismo, passividade, agressividade, etc. De acordo com o autor, ao utilizar essas estratégias de defesa, é proporcionado um certo equilíbrio psíquico por possibilitar o enfrentamento das situações que causam sofrimento.

Dejours, Abdoucheli e Jayet (1994), ressaltam que, as estratégias defensivas são mecanismos pelos quais o trabalhador busca transformar, modificar e minimizar a realidade que o faz sofrer, e é um processo estritamente mental.

2.2 Estudos Correlatos: O estado da arte da Psicodinâmica do Trabalho no Brasil

De acordo com Merlo e Mendes (2009) a trajetória relacionada a produção brasileira de estudos que se embasam na psicodinâmica do trabalho tiveram início na década de 1980 com o lançamento do livro *A loucura do trabalho*, de Christophe Dejours, referência para a maioria dos pesquisadores da área. Portanto, para melhor compreensão, vale destacar alguns estudos realizados no Brasil fundamentados nesta abordagem.

Mendes e Ferreira (2001), realizaram um estudo para analisar as relações de prazer e sofrimento de trabalhadores inseridos num contexto organizacional de atendimento ao público com o objetivo e identificar seu impacto no bem-estar psíquico. Os resultados mostraram que, as vivências de sofrimento estão relacionadas com as condições que as atividades são realizadas e também com as relações sócio-profissionais.

Caixeta (2003), procurou levantar os principais aspectos da psicodinâmica de trabalhadores dentro de um contexto de organização comercial com ações para promover a qualidade de vida no trabalho. Por meio da análise do discurso dos 11 entrevistados, percebeu-se a prevalência de relações de dominação, o que causa pressões psíquicas nos trabalhadores e para minimizar o sofrimento, constatou-se o uso por meio dos trabalhadores de mecanismos de defesas na busca do prazer, especificamente, o mecanismo de identificação.

Resende e Mendes (2004) realizaram uma pesquisa relacionada ao trabalho bancário com interesse em analisar as vivências de prazer e sofrimento em relação com os valores individuais com o foco em identificar se o trabalho promove identidade e realização. Os resultados mostraram que os bancários em análise no estudo, vivenciam o prazer e sofrimento no trabalho de forma moderada, sendo o sofrimento influenciado não por fatores individuais, mas sim, pela organização do trabalho.

Souza (2005), realizou um estudo com trabalhadores do lixo com o objetivo de compreender o sofrimento psíquico que decorre do trabalho de manuseio de resíduos sólidos recicláveis. Os resultados mostraram que a organização do trabalho é preeminente para a problemática do sofrimento psíquico, visto que na cooperativa os trabalhadores além de serem submetidos a uma realidade precária e insalubre, a forma controlada que o trabalho é organizado interfere no funcionamento psíquico.

Ainda nesse contexto de trabalho de catadores, Mendes e Souza (2006), também analisaram a saúde de catadores de material reciclável. O objetivo da pesquisa foi o de testar uma metodologia de investigação entre a saúde e trabalho. Os resultados mostraram que, o trabalho

com o lixo tem sentido de sobrevivência e inclusão social, onde saúde, é ter condição para trabalhar.

Souza (2007), realizou um estudo em duas cooperativas do Distrito Federal objetivando analisar o contexto de trabalho de catadores de material reciclável, fazendo uma relação entre prazer e sofrimento, estratégias de mediação do sofrimento e riscos a saúde mental no trabalho. A partir dos resultados concluiu que as condições de trabalho são precarizadas, no entanto, a organização do trabalho é flexível e as relações de trabalho são positivas. E em relação ao sofrimento, o mesmo é enfrentado por meio de estratégias de racionalização e negação.

Magro e Coutinho (2008), analisaram os sentidos do trabalho para indivíduos de uma cooperativa de serviço gerais. As análises demonstraram que o trabalho é um modo de reconhecimento, onde o sentido atribuído ao trabalho tem como influencia a autogestão e os princípios do cooperativismo.

Alencar, Cardoso e Antunes (2009) realizaram uma pesquisa com o intuito de analisar as condições de trabalho e investigar sintomas relacionados a saúde catadores de materiais recicláveis na cidade de Curitiba. A partir das análises das entrevistas, os resultados indicam que existe uma grande precarização nas condições de trabalho e que esta atividade pode afetar a saúde física e mental dos trabalhadores.

Silva (2010) buscou levantar as vivências de designers de moda em relação ao seu trabalho. Por meio da análise gráfica do discurso, foi constatado que o trabalho de designer traz reconhecimento com o público e que a atividade de “criar moda” é fonte geradora de prazer visto que a equilibra a carga psíquica ao se “ reconhecerem no próprio trabalho”. No que diz respeito a organização do trabalho, foi identificado por parte de todos os entrevistados elementos incomuns, tais como: divisão de tarefas, instrumentos para avaliação dos padrões de qualidade e dissonância entre o trabalho prescrito e real. Por outro lado, foi identificado a ausência de normas e padrões de procedimentos formalizados.

Com o objetivo de analisar a psicodinâmica do trabalho do cuidador, Canez e Lima (2011), identificou-se que a organização do trabalho é marcada pela precarização e apresenta condições insuficientes para sua realização. Diferente dos resultados de Silva (2010) foi evidenciado o sofrimento decorrente das condições precárias e falta de reconhecimento.

Ainda sob a ótica do reconhecimento, Martins (2012) objetivou analisa-lo no trabalho de informática dos terceirizados e concursados de uma instituição pública. Os resultados apontam que parte dos concursados consideram a organização do trabalho em descompasso do prescrito e real, e também foi evidenciado, sentimentos de insegurança e relatos de humilhação. Ainda nesta conjuntura, Nascimento (2012) ao analisar o trabalho bancário buscando caracterizar a organização do trabalho e descrever os sofrimentos vivenciados neste segmento, também identificou que a organização do trabalho impacta diretamente o sofrimento dos bancários por ser estruturada de uma forma hierarquizada, centralizada e rígida.

Por outro lado, Carvalho e Moraes (2012), buscaram compreender o processo de adoecimento no trabalho do Polo Industrial de Manaus (PIM). Como evidenciado nos estudos anteriores os resultados indicam que a organização do trabalho no (PIM) é sobrecarregada, pressionada e possui também elementos patogênicos relacionados às novas formas de gestão, que contribuem para o agravamento do sofrimento no trabalho.

Silva (2013), teve como objetivo em seu estudo, analisar as vivências dos gestores de uma IES privada, em relação ao seu trabalho. Os resultados mostraram que a IES privada é vista pelos trabalhadores como uma organização onde ocorre a sobrecarga de trabalho, falta de autonomia, falta de reconhecimento, desgaste, tensão emocional e cansaço. As relações de trabalho, são um dos pontos positivos, pois sentem-se parceiros um do outro, mas ainda assim, os resultados deixam em evidencia que as vivências de sofrimento são maiores do que as de prazer.

Recentemente, Traesel (2014), realizou seu estudo com o objetivo de conhecer a realidade de um órgão público e as vivências dos trabalhadores e suas condições de trabalho e como ocorrem

as repercussões destes sobre a saúde mental e qualidade de vida. Os resultados, mostraram que existem fatores significativos de adoecimento psíquico e destaca-se as estratégias defensivas individuais, tais como: resignação, submissão e isolamento e esses fatores estão diretamente relacionados com a precarização deste ambiente de trabalho e em especial a falta de reconhecimento à importância do servidor público, principalmente no que se refere aos resultados sociais do seu trabalho.

Em suma, baseando-se nos estudos citados acima, a organização do trabalho influencia diretamente na forma como o indivíduo vivencia o seu trabalho, que pode ser de forma positiva ou negativa. Além disso, outro fator que merece destaque é o reconhecimento no trabalho, que está relacionado com o prazer, sendo este vivenciado quando o indivíduo se “reconhece no próprio trabalho”.

3 Metodologia

O presente trabalho é fundamentado na abordagem teórico-metodológica da Psicodinâmica do trabalho. Mendes (2007), afirma que realizar uma pesquisa em psicodinâmica do trabalho é descobrir as transformações que ocorrem na organização do trabalho. Portanto, este estudo é de natureza aplicada e se configura como qualitativo, por ser o mais adequado, visto que, como afirma Dejours (1994) “não é possível quantificar uma vivência, que é em primeiro lugar e antes de tudo qualitativa.

Em relação ao objetivo, esta pesquisa se caracteriza como descritiva pois busca conhecer as diversas situações e relações que ocorrem na vida social e em aspectos relacionados ao comportamento humano. (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2006)

Optou-se por utilizar o procedimento de estudo caso, por ser este o método mais adequado para avaliar o fenômeno em seu ambiente natural (YIN, 2001).

Inicialmente, para melhor integração, foi realizada uma observação participante interna durante o ano de 2014 que consistiu em conhecer melhor o local da pesquisa. Para isso foram realizadas visitas sob a orientação do presidente da cooperativa no barracão, onde é realizada a separação dos materiais na esteira e no galpão onde é realizada a prensa dos materiais para a venda.

A observação foi realizada no local de trabalho dos cooperados (sede da Copercicla) e uma vez por semana no período da tarde, acompanhei a coleta realizada na rua relatando no diário de campo as observações mais relevantes.

Para a coleta de dados, foi utilizado um roteiro de entrevista semi-estruturada, a qual foi, posteriormente, gravada e transcrita. A justificativa para utilização desse tipo de entrevista neste trabalho, reside no fato de que o entendimento da realidade em questão, deve ser originado do próprio discurso de quem experiencia o trabalho, e estes dados não podem ser encontrados em fontes documentais ou registros.

O instrumento utilizado para pesquisa tinha 30 questões relacionadas a Gestão da organização (Organização do trabalho; condições de trabalho e relações de trabalho), a mobilização subjetiva relacionada ao trabalho (vivências de prazer e sofrimento e as estratégias de enfrentamento).

Para a discussão dos resultados, optou-se pela análise de conteúdo. A partir da fala da própria realidade, os entrevistados deixam transparecer aspectos muitas vezes implícitos e subjetivos, e isso, para o estudo em questão, permite melhor esclarecimento da realidade estudada.

3.1 COPERCICLA- Uma breve caracterização da Cooperativa de Reciclagem estudada



Figura 1- Sede da COPERCICLA

Fonte: Arquivos da autora (2014)

A organização Copercicla localiza-se na cidade de Ituiutaba-MG, bairro progresso, foi fundada em 2003 com a mobilização de 22 catadores e apoio da SAE. Conta atualmente com 42 cooperados, sendo 23 mulheres e 19 homens e 3 destes, encontravam-se afastados.

Em relação a estrutura física, a Copercicla possui um escritório, sala, cozinha um galpão no fundo para armazenar/separar o material, além de 4 veículos.

3.2 Participantes e entrevistados

A pesquisa foi realizada com dez cooperados a partir da disponibilidade e aceitação em participar da entrevista, sendo destes, 7 mulheres e 3 homens. As entrevistas foram realizadas individualmente e por preferência dos cooperados, todas no espaço da cooperativa no horário de almoço. Antes da entrevista, os participantes foram esclarecidos do objetivo da pesquisa e assinaram o termo concordando em participar da pesquisa.

A seguir, segue os dados sociodemográficos dos participantes:

Figura 2- Dados sociodemográficos dos participantes da entrevista

Sexo	Idade	Naturalidade	Escolaridade	Estado Civil	Filhos	Tempo de casa	Cargo	Horário Trabalho
F	41	Alagoas	Fundamental Incompleto	Casada	6	10 meses	Tudo	8 as 6
F	32	Alagoas	Fundamental Incompleto	Casada	4	2 anos e 6 meses	Tudo	8 as 6
F	35	Campina Verde	Fundamental Incompleto	Casada	3	5 anos e 9 meses	Tudo	8 as 6
F	52	Santa Vitoria	Fundamental Incompleto	Divorciada	2	8 anos	Esteira	8 as 6

F	26	São Paulo	Fundamental Incompleto	Casada	1	9 anos	Tudo	8 as 6
M	46	Ituiutaba	Fundamental Incompleto	Casado	Não	1 semana	Tudo	8 as 6
F	22	Ituiutaba	Técnico em contabilidade / Técnico em química em andamento IFTM	Solteira	Não	2 anos	Secretaria, mas faço de tudo	8 as 6
M	26	Ituiutaba	Ensino médio	Solteiro	Não	1 ano	Tudo	8 as 6
M	21	São Paulo	Ensino médio	Solteiro	Não	1 ano e 5 meses	Tudo	8 as 6
F	36	Alagoas	Fundamental Incompleto	Casada	2	4 anos	Tudo	8 as

Fonte: elaborado pela autora

4 Análise dos Resultados.

Esta seção tem como proposta apresentar os resultados da pesquisa através dos relatos dos entrevistados.

4.1 Organização do trabalho

Em relação a forma com que o trabalho é organizado na cooperativa, constatou-se que, existe o trabalho que é realizado na rua, o qual conta geralmente com uma equipe formada por 2 cooperados e o motorista, e as atividades realizadas internamente (descarregar caminhões, separar, prensar) são realizadas por uma equipe maior. E em sua maioria, as tarefas são designadas pelo presidente da cooperativa, o qual também realiza tanto atividades internas quanto externas. Pelos relatos dos entrevistados e pela observação realizada, identificou-se que a maioria dos cooperados não possuem cargo específico, e geralmente “fazem de tudo”.

Algumas falas comprovam essa realidade:

“Faço de tudo aqui moça, nois não tem cargo não, aqui temos carga “ E04

“eu faco de tudo, ajudo encher caminhão descarregar bag, de tudo um pouquim, tudo junto com os otro colega.” E06

“Então, de tudo, quando não to descarregando caminhão, to puxando bag, igual eu pus la no meu facebook, de tudo um pouco (risos). A maioria do que eu faco e aqui dentro junto com os colega.” E08

“Faz de tudo, o pessoal chama eu vou, o dia inteiro chama. Eu nao tenho atividade principal.” E09

Observou-se que existem algumas reações negativas quanto a forma que a escala é realizada, contudo não trata-se de uma reação negativa ao presidente, o qual designa as tarefas, mas sim por “quem vai com quem” e com qual motorista será realizado o trajeto, ainda assim, grande parte dos entrevistados relataram preferir ir pra rua pelo fato de não suportarem ficar dentro da cooperativa, fica implícito que a rua proporciona maior sensação de liberdade e consequentemente livra-os da lógica do trabalho taylorizado, o qual muitas vezes, desumaniza e priva-os enquanto indivíduo e também como fuga das relações de trabalho pesadas. Os fragmentos a seguir, elucidam essas constatações:

“não acho bom assim aqui dentro na esteira, porque a minha cabeça fica assim baralhada, porque eu muita coisa pra separar ao mesmo tempo, me confunde.” E02

“Eu já acostumei com o povo da rua, eu gosto da rua. Minha preferencia e rua. Ce vai pegando na casa do povo ce vai conhecendo pegando amizade com cachorro, com menino, com as veinha, então a gente pega amizade.” E05

“Se a gente liga mesmo a gente briga com os motorista, não e todos sabe, so tem um que tem que prestar mais atenção as pessoas que vai atrás, ai menina, a gente fica ali, a gente pode cair e num ta nem ai”.E01

“Eu prefiro no caminhão, na rua do que ficar aqui dentro.Porque aqui tem muita mulher fofoqueira que fica se incomodando com a vida dos outro e eu não gosto ai eu prefiro ta la na rua pra não discutir com elas la dentro.” E01

Conforme relatado pela maioria, para a realização das atividades tanto internas quanto externas, ambas dependem da ajuda de outros colegas. Conforme afirma Dejours (2005), é por meio da eficiência do coletivo , que os erros podem ser minimizados, ou seja, a cooperação torna-se indispensável para execução e organização do trabalho.

“Nada, nada e feito sozim aqui, tudo tem que ser em grupo, num tem fala assim- ah nois faz sozim, num existe não, se vem pro terreiro é todo mundo, se vai pra prensa vai todo mundo, eles prensa mais nois ajuda a leva, não tem um serviço pra falar – esse aqui é o meu não. Um depende do outro, se não for assim não funciona.” E04

Em relação a pausas e locais para descanso, eles possuem três pausas durante o expediente. Pelos relatos, constatou-se que essas pausas não são d todo controladas, porém existem aqueles que se aproveitam destes intervalos para realizarem coisas pessoais fora do ambiente da cooperativa. Os locais para descanso são em suma improvisados, e geralmente cada um procura um lugar para descansar após o almoço ali mesmo em cima dos “bags” ou no chão forrado com papelão. Cada qual se “arranja como pode”.

'E onde que da, cada um procura lugarzinho, ’; “dorme por la em cima dos material “, ”cada um caça um lugar que da, as vez a gente deita no banco aqui, nos bag.”

4.2 Relações de Trabalho

Conforme expõe Medeiros e Macêdo (2006) , em organizações coletivas de produção associada, observa-se por parte das pessoas uma integração social a qual busca alcançar os mesmos objetivos e com isso, melhorar as condições e relações de trabalho. Ainda nessa lógica, Dejours (2004), salienta que a cooperação corresponde a união das contribuições de cada trabalhador estabelecidas no trabalho a qual possibilita contornar erros e falhas em prol do desempenho coletivo, sendo assim estabelecida uma relação de confiança entre os pares. Contudo, no que tange as relações de trabalho estabelecidas na cooperativa, constatou-se pela maioria dos relatos, a ausência dessa união e confiança entre os pares o que dificulta as relações firmadas no trabalho. Os relatos abaixo ilustram essa realidade:

“Aqui não tem união e ta cada dia ficando pior, assim, chega os novatos, os mais velho não quer ensinar os novato. Todo mundo entrou aqui novato. Chegou uma novata ai e outra disse a ela que ela não era professora pra ensinar.” E02

“Aqui não tem união. Tem os novatos que quer fazer as coisa certa e tem os vei que não aceita, se os novato falar alguma coisa aqui os vei diz- cala a boca que você e novato aqui.” E03

“a gente trabaia dum jeito que tem que ser unido, sabe, mas num é muito não. “ E09

Observou-se também a partir relatos acima, uma falta de interesse por parte dos “mais velhos de casa” em relação aos novatos, ou seja, a sobreposição do individualismo ao coletivismo. Diante dessa realidade a maioria dos cooperados preferem trabalhar na rua, mesmo no sol e com todas as dificuldades que existem no trabalho externo, pressupõe-se ser predominante essa realidade pois serve como forma de escapismo da convivência com os demais colegas, visto

que, conforme exposto nos relatos abaixo, “não é fácil”.

“Na rua não é fácil não, é o sol, é tudo mas é você e outra pessoa. Aqui tem gente que é muito dona da razão, a convivência não é fácil.” E02

“Ah, eu prefiro a rua né nem gosto de ficar aqui, lá dentro me dá vontade de tacar uma pedra na cabeça de muitas (risos).” E03

“Uma vez que eu tava estressada demais eu fui pra rua, e é verdade, é muito melhor na rua do que aqui, porque aqui um dia uma tá azeda e outra tá amarga.” E04

Para Marx (2003), a força de trabalho coletiva é uma força produtiva social e sua essência encontra-se na cooperação, pois ao cooperar com o outro, o trabalhador individual “morre” e nasce então, um trabalhador coletivo. No entanto, pode-se perceber no que tange as relações de trabalho estabelecidas na cooperativa, que por mais que exista a realidade de que “aqui ninguém faz nada sozinho”, os cooperados em questão, não conseguem praticar os princípios do cooperativismo, tornando assim, o ambiente de trabalho pesado e de difícil convivência entre os membros.

“se aqui tivesse mais união, acho que seria melhor, aqui só tem nome de cooperativa, mas não tem união.” E05

“É muita fofoquinha, e aqui não são muito unido as pessoas aqui, não tem fé naquilo que faz, tem muitos aqui que não tem consciência que é disso daqui que nós tá vivendo, qui tá difícil, e tanta confusão na esteira, a muiezada ficam tudo brigando, uma quer ser melhor que a outra, e nós não é melhor que ninguém, nos faz o mesmo trabalho, conveve tudo junto ali num e pra uma querer ser melhor que a outra, nos estamos tudo em equipe.” E01

Em relação as vantagens e desvantagens de se trabalhar na cooperativa, como vantagens emergiram as seguintes afirmativas “é bom porque foi o único lugar que me aceitou sem estudo”, “nao tem ninguém me mandando” “é daqui que me sustento” “daqui que consegui minha casa própria com a ajuda UFU” “bolsa reciclagem que já ajuda”.

Como desvantagens: “é ruim porque não é fixado”, “trabalho muito pesado pra nós que somos mulher” “espaço pequeno” “preguiça de muita gente” “depende só serviço do outro” “risco de machucar co lixo”.

4.3 Condições de trabalho

Conforme exposto por Dejours (1992), algumas categorias profissionais são mais propensas a riscos inerentes ao trabalho. Em relação as condições de trabalho, a cooperativa em análise carece de uma estrutura confortável, em suma, básica, visto que é tudo muito limitado e fica difícil até mesmo questões relacionadas a higiene básica. Quando questionados as observações levantadas foram unânimes no que diz respeito ao espaço limitado e as más condições de higiene as quais estão expostos. Um exemplo, seria a cozinha que os cooperados utilizam para refeição, a mesma fica em meio ao lixo e alguns preparam seu almoço ali.

“Ah, aqui precisaria de um galpão maior, porque não cabe, ce viu a situação que tá aqui? Se tivesse um lugar, um galpão fechadinho num precisava de nós tá correndo tanto, aqui tá desse jeito agora mais tem época que não tem lugar pra guardar o material..” E03

“Questao de espaço e higiene, isso ai era o principal pra gente ter mais regalia, tá muito apertado, muito difícil.” E04

“Ah, aqui é apertado né, e meio complicado né.” E06

“O espaço aqui tá cada vez mais pequeno.” E08

“Nossa menina, higiene não tem porque nós come ali oh, e aqui é muito pequeno, e era pra ser um pátio muito maior ai já acumula tudo. O espaço aqui tá pequeno ai pro ce ve oh, tá tudo acumulado, tudo tudo tudo, não tem por onde voce passar, e tampa até a porta do banheiro lá dentro, e aparte das prensa também tá pouco não dá vencimento, pelo menos mais uma.”

E01

“Isso aí que eu queria menina, a higiene e o espaço pra nós trabaia, trabaia já e difícil ainda sem essas coisa básica.” E04

Contudo, observa-se que o espaço limitado dificulta a realização das tarefas, e muitas vezes, não conseguem terminar as atividades propostas pois não tem espaço para atender as demandas.

4.4 Vivências de prazer e sofrimento

Dejours (2012), ressalta que se o trabalho pode gerar o pior, o mesmo pode também, gerar o melhor. No que tange as vivências de trabalho dos cooperados, foram identificadas realidades de prazer e sofrimento.

Ainda conforme Dejours (2007), o sentido do trabalho ocorre quando se tem reconhecimento pelo trabalho exercido, porém, quando negado pelos outros, surge o sofrimento. Quando observado o trabalho realizado na esteira o qual consiste na separação do lixo do que é reciclável, por meio dos relatos, pode-se perceber que as pessoas não separam o lixo em suas casas e misturam muitas vezes, vidro, seringas, materiais que não são recicláveis e em muitos casos, até perigosos. Essa realidade, é vivenciada por eles como um não reconhecimento por parte da grande maioria da sociedade, e essa realidade desencadeia o que gera sofrimento, pois de certa forma, “sentem” que exercem um “trabalho invisível”, tirando o sustento daquilo que na maioria das vezes é considerado lixo e muitos nem sequer se preocupam com isso. As verbalizações abaixo, expressam essa realidade:

“tamo ajudando o mundo, mas o problema é que num é todos que dá a coleta pra nós separadinha, muitos bota lixo no meio.” E01

“Eu tem hora que eu acho que o povo faz e muito pouco caso, ce ta sentada na sua área, eu chego pra pegar a coleta, ce ta sentada, ai eu tenho que abrir o portao pegá sua coleta despejar no caminhão leva o saco, eu acho tipo assim, se o lixeiro vai passar e ce colocar pra fora, o lixeiro não vai pega, tem casa que eu eles esparrama tudo no meio do quintal pra gente catá, tem muita gente que acha que a gente é escravo e tem a obrigação de entrar la no quintal dele pra catar. É difícil, e muito difícil, tem gente que tem falta de educação. É triste isso.” E03

É importante ressaltar também a questão do sofrimento decorrente das relações de trabalho. Muitos dos cooperados relataram que na maioria das vezes tem vontade de faltar do serviço devido as relações estressantes estabelecidas entre os colegas. Os fragmentos abaixo, elucidam essa questão:

“trabalhar aqui é bão mais é difícil as pessoas, ainda bem que eu tenho paciência mas eu fico angustiada, hoje mesmo eu fiquei, ouvi assim numa colega: se for pra ir com ele eu prefiro ir sozinha, ai eu fiquei triste com isso, mas ja passei por cima.” E08

“tem dia que eu levanto e penso- tenho que ver aquela mulhezada injuada? Tem dia que não tenho nem vontade de vir, eu to muito muito cansada mesmo. E02

“aqui é muito triste o tal da a maioria quer mandar. Aqui é um tal de eu trabalho voce não trabalha.” E02

Em contrapartida, mesmo sendo o trabalho desvalorizado e discriminado, o não reconhecimento por parte da sociedade fica ofuscado pelo reconhecimento que eles tem do trabalho que desempenham. Como salienta Gernet (2011), é possível transformar o sofrimento em prazer quando se dá sentido ao trabalho. E o fato de sentirem que estão contribuindo para a sociedade e para o meio ambiente, moderam essa relação de não reconhecimento-sofrimento pelo sentido que atribuem ao trabalho, o que gera prazer e satisfação pelo que fazem.

Percebe-se esse sentimento pelas verbalizações abaixo:

Ah, é importante ne, pra limpeza do mundo e eu acho lindo assim o que nós faz” E01

“Eu considero o que nois faz muito importante, tamo ajudando o mundo.” E03

“Eu me sinto nossa (sorriso) ajudando todo mundo na sua porta tirando o lixo, porque nois tira o lixo que vai pra um canto e a recicrage que vai pra outra, me sinto nossa, feliz de fazer isso, ajudando a natureza, ajudando todo mundo.” E04

“eu acho importante, tanto pra mim como pra população, já imaginou se esses materiais fosse pro aterro? já tava entupido (risos).” E05

“Nois faz uma limpeza na cidade ne. Eu me sinto bem ajudando.” E06

“considero muito importante isso que nois faiz, porque ajuda muita gente, tem muita gente que tem o material pra jogar fora e pro mundo nao ter poluição nois pega e vende e tira nosso sustento.” E09

“considero, porque sinto que to contribuindo com o meio ambiente, com a economia.” E07

4.5 Estratégias de Enfrentamento

Para que os trabalhadores consigam lidar com as dificuldades decorrentes do trabalho e não adoecerem, os mesmos, utilizam de estratégias de enfrentamento tais como, conformismo, individualismo, negação de perigo, passividade, dentre outras. (DEJOURS, 1987)

Quando questionados sobre a forma com que lidam com as dificuldades decorrentes do trabalho, pode-se perceber pelo discurso a presença da palavra “fínjo”, o que remete à estratégia de negação. O ato de fingir “que não vê”, “não escuta” ou “deixo pra lá”, minimizam o incomodo ou sofrimento decorrente das vivências de trabalho. Os fragmentos abaixo, comprovam a assertiva:

“tem que fingir que não escuta nada aqui, so que assim, voce vai fingindo e sua cabeça vai cansando, tem dia que eu não tenho nem vontade de vir, eu to muito muito cansada mesmo. E ainda tem que ser dona de casa.” E02

“Eu passo por cima mesmo, finjo que nem escuta mas vou guardando, e tem hora que estoura e por dentro doi. Mas eu passo por cima tenho que trabaia.” E03

“Não, bato de frente não. Eu ignoro. Se tiver num canto eu num chego, se tiver tendo picuinha, eu não passo perto, vou levando assim. Eu enfrentei muito e vi aonde foi dar, enfrentei demais, mais depois a consequência veio. Então eu ignoro e saio pra la, deixo pra la, se algum dia eu não de conta mesmo eu saio.” E04

“levano, levano, tao falando e eu não to nem ai (risadas) agora eu vi que não vael a pena não, que vale a pena e a saúde, tem que trabaia uai.” E05

“Eu faco de cega, surda e muda, finjo que não to vendo, pra não endoidar. Agora imagina, nove anos trabalhando aqui, e piadinha, e brigaiada e discussão, e sol quente e ce fica em tempo de pegar os cabelos de um ou jogar um na prensa (risadas).” E06

“rindo e cantando, levando a vida.” E09

“ah deixo pra la, e mais facil deixar pra la, as pessoa aqui sao muito dificil.” E10

No entanto, percebe-se que a realidade a qual negam, está relacionada com as relações de trabalho estabelecidas na cooperativa.

6 Conclusão

Considerando o objetivo geral desta pesquisa, que consistiu em analisar as vivências de trabalho dos cooperados de uma cooperativa de reciclagem, destaca-se que o estudo permitiu a compreensão de como os trabalhadores em questão vivenciam seu trabalho.

A análise dos dados permitiu identificar que a organização do trabalho proposta na cooperativa é caracterizada por diversas tarefas e jornadas de trabalho em suma, exaustivas. No que tange a hierarquia, predomina-se uma realidade onde todos fazem de tudo.

Constatou-se no que diz respeito ao local de trabalho, a falta de higiene e segurança que muitas vezes é encarada pelos cooperados como uma das dificuldades de se trabalhar na cooperativa,

pois sentem-se negligenciados nesse aspecto. O espaço também foi algo colocado em questão, visto que eles trabalham com uma quantidade de material que excede o espaço disponível na cooperativa, o que vem a ser uma dificuldade enfrentada pela gestão.

Uma categoria que merece destaque, diz respeito as relações de trabalho estabelecidas na cooperativa. Identificou-se que, as mesmas são vivenciadas como sendo “uma das coisas mais difíceis” de se trabalhar na cooperativa, pois estas são consideradas pesadas e complicadas, tanto que, a maioria prefere o trabalho realizado na rua. Essa preferência deixa implícito o fato de que se sentem mais livres e menos pressionados pelos colegas quando estão realizando o trabalho externo.

Em relação a mobilização subjetiva, ou seja, as vivências de prazer e sofrimento e as estratégias de enfrentamento, identificou-se que o sofrimento vivenciado no trabalho tem como indício o não reconhecimento por grande parte da sociedade e pelas relações de trabalho entre os cooperados. Além disso, a organização do trabalho, especificamente a divisão do trabalho, também contribuem vez ou outra para vivências de sofrimento, pois geralmente existem resistências quanto a composição das equipes.

Como prazer, fica evidente o sentido que atribuem ao trabalho que exercem, pois consideram que contribuem para melhoria do meio ambiente, e esse autorreconhecimento é refletido como prazer, moderando assim, o sofrimento decorrente do trabalho.

Assim, verifica-se que as estratégias de enfrentamento concernem as relações de trabalho estabelecidas, onde adotam para tal, a estratégia de negação.

Contudo, pode-se dizer que os resultados deste estudo demonstram que mesmo sendo árduo o trabalho realizado pelos cooperados, e mesmo não existindo reconhecimento por grande parte da sociedade, as vivências de trabalho experienciadas por eles perpassam pela lógica do próprio reconhecimento. No entanto, as condições e relações de trabalho na cooperativa merecem atenção pois desencadeiam sofrimento e resistência, o que muitas vezes, prejudica o rendimento do trabalho coletivo, e por se configurar como uma cooperativa, isso deve ser levado em consideração.

Diante dos resultados obtidos nessa pesquisa, ressalta-se que, a abordagem proposta pela psicodinâmica do trabalho mostrou-se apropriada pois permitiu uma análise da realidade estudada de uma forma integral. No entanto, como proposta para estudos futuros deste tipo, sugere-se que seja realizada uma entrevista do tipo grupo focal. Ressalta-se isso pelo fato de que, na maioria das entrevistas houve interferência de colegas que estavam perto ou que passavam pelo local e constatou-se diante desta realidade a importância da escuta do coletivo para análise das vivências de trabalho em uma organização cooperativista.

7 Referências Bibliográficas

ALENCAR, M.C.B.; CARDOSO, C. C. O. ; ANTUNES, M. C. **Condições de trabalho e sintomas relacionados à saúde de catadores de materiais recicláveis em Curitiba.** Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo, v. 20, n. 1, p. 36-42, jan./abr. 2009.

ASSIS, D. T; MACEDO, K. B. **Psicodinâmica do trabalho dos músicos de uma banda de blues.** Psicologia e Sociedade, 20(1), p. 117-124. 2008.

BOTTEGA, C. G. (2009). **Loucos ou heróis: um estudo sobre prazer e sofrimento no trabalho dos educadores sociais com adolescentes em situação de rua.** Dissertação UFRGS. Porto Alegre: UFRGS.

CAIXETA, C. M. M. P. **A psicodinâmica do trabalho em uma organização comercial com contexto de qualidade de vida no trabalho.** Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 2003. 182 f. Dissertação PUC Goiás.

CODO, W. (orgs.) **O trabalho enlouquece?** Um encontro entre clínica e o trabalho. *In:* MENEZES, I.V. **Por onde passa a categoria trabalho na prática terapêutica?** Petrópolis-RJ: Vozes, 2004.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho.** São Paulo: Cortez-Oboré, 1992.

_____. **Conferências brasileiras: identidade, reconhecimento e transgressão no trabalho.** São Paulo: Fundap: EAESP/FOV, 1999.

_____. **Banalização da injustiça social.** 4.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

_____. **Trabalho, Subjetividade e Ação.** Revista Produção, v. 14, n. 3, set./dez. 2004.

DEJOURS, C.; DESSORS, D.; DESRIAUX, F. **Por um trabalho, fator de equilíbrio.** Revista de Administração de Empresas. São Paulo, v. 33, n. 3, p. 98-104, mai./jun. 1993.

ENRIQUEZ, E. **A organização em análise.** Petrópolis: Vozes, 1997.

FERREIRA, M. C. ; MENDES, A. M. **“Só de pensar em vir trabalhar, já fico de mau humor”:** atividade de atendimento ao público e prazer-sofrimento no trabalho. *Revista Estudos de Psicologia*, v. 6, n. 3, p. 93-105, 2001.

FERREIRA, M. C. ; MENDES, A. M. (2003). **Trabalhos e riscos de adoecimento: O caso dos auditores-fiscais da previdência social brasileira.** Brasília, DF: Fenafisp.

HELOANI, R.; LACMAN, S. **Psicodinâmica do trabalho: o método clínico de intervenção e investigação.** Revista Produção, v. 14, n. 3, p. 077-086, set./dez. 2004.

HOPFER, K. R. ; FARIA, J. H. **Controle por resultados no local de trabalho:** dissonâncias entre o prescrito e o real. *RAE electron*, São Paulo, v. 5, n. 1, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br> Acesso em: 25 de jan. 2014. Pré-publicação.

LIMA, S. C. C. **Coletivo de trabalho e reconhecimento: uma análise psicodinâmica dos cuidadores sociais.** 01/09/2011 220 f. DOUTORADO UNB. Disponível em: <http://capesdw.capes.gov.br>

MAGRO, M. L. P. D.; Coutinho, M. C. **Os sentidos do trabalho para sujeitos inseridos em empreendimentos solidários.** *Psicologia em Estudo*, 13, 703-711, 2008.

MEDEIROS, L. F. R.; MACÊDO, K. B.. **Catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência?.** *Psicologia & Sociedade*; 18 (2), 62-71. 2006.

MENDES, A. M. **Pesquisa em Psicodinâmica: A Clínica do Trabalho.** São Paulo: Casa do Psicólogo. 2007

MENDES, A. M.; TAMAYO, A. **Valores organizacionais e prazer-sofrimento no trabalho.** PSICO – USF – Revista Semestral da Área de Psicologia da Universidade de São Francisco, v. 6, n. 1, p. 39-46, 2001.

TRAESEL, E. S.; MERLO, A. R. C. **Sufrimento no trabalho e possibilidades de saúde e realização: Psicodinâmica do Reconhecimento em enfermagem.** Curitiba: Juruá, 2011a.

OLIVEIRA, C. B. **Sobre lazer, tempos e trabalho na sociedade de consumo**. Disponível em: <http://www.efdeportes.com>. *Revista Digital*. Buenos Aires, Año 11, n°. 97, junio de 2006. Acesso em: 20 dez.2013.

SOUSA, C. M. ; MENDES, A. M. **Viver do lixo ou no lixo? A relação entre saúde e trabalho na ocupação de catadores de material reciclável cooperativos no Distrito Federal**: estudo exploratório. *Revista psicologia: organizações e trabalho*. Florianópolis: UFSC, v. 6, n. 2, p. 13-41, jul./dez. 2006.

TOMAZINI, T. ; MACÊDO, K.T. **As vivências dos trabalhadores de um shopping Center em relação ao seu trabalho**: uma abordagem psicodinâmica. *Revista Gestão Organizacional*. Vol. 3. N. 2. Jul/Dez. 2010.

TRAESEL, E. S. **O ser e o servir nas teias da (des)estabilidade** : análise psicodinâmica das vivências de servidores públicos de uma gerência regional do INSS diante dos novos modelos de gestão. 28/04/2014 Doutorado UFGRS. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/98296> Acesso em: 24 de julho 2014.